

Folha S Paulo

São Paulo SP

18 Set 1977

uma forma de renúncia, o concretismo, assim como outras manifestações, quando levado a sério, permite evolução dentro de suas próprias propostas".

"Minha posição é o concretismo continuam válidos.

Fale do concretismo hoje. Afinal morreu ou não?

"Hoje, aqueles que julgam o concretismo morto e enterrado, devem

continuar a vê-lo assim. E que se mantenham bem à distância.

"Aos que fizerem arte concreta, e ainda vêm fazendo, e com ela estão comprometidos, restam poucas saídas para o sucesso. Mas encontram nela a evolução.

"O concretismo está sendo consumido direta ou indiretamente, inserido na publicidade, nas marcas e logótipos, nos padrões de tecidos, nas apresentações de televisão, na programação visual, nas fachadas, etc. E o que é mais curioso, ele é inserido exatamente por muitos daqueles que o combatem como manifestação de arte. Não é uma curiosa situação? Uma manifestação de arte que antes mesmo de ser aceita é engolida.

"Acho ainda muito cedo para afirmarem que o concretismo foi uma das manifestações mais importantes ocorridas depois da Semana de 22.

"Meus planos daqui para a frente? Tenho planos de trabalho diferentes, mas ainda dentro do concreto. Trata-se de uma pesquisa que venho desenvolvendo desde 1973, lentamente, por questões econômicas, pois exige muitos filmes e fotolitos. São os desretratos.

"Já fiz o desretrato do Haroldo de Campos executado para a sua antologia de poesia — "Xadrez de Estrelas" — editada pela Perspectiva.

"O trabalho consiste num percurso que vai do ilegível ao legível formal, mistura óptica da cor-luz. A luz que incide sobre as coisas e a paisagem, confere um tempo visível sobre elas, com efeitos que vão do amanhecer ao anoitecer. E no dia seguinte tudo se repete de novo sem repetir o visível do dia anterior.

"Que melhor motivo — finalizo Flaminghi — eu preciso para continuar concreto e com os meus planos? Eu não preciso pintar a paisagem. A Natureza faz isso por nós — basta olhá-la".